

Até 1920, o Brasil era importador de produtos florestais. Limitações nas importações, motivadas pela Primeira Guerra Mundial, foi o grande fator para o desenvolvimento da indústria florestal brasileira entre 1920-60. Na década de 1940 foi instalada a primeira indústria de compensados no país, simultaneamente com a criação do Instituto Nacional do Pinho, para atender a demanda europeia. No período, as fábricas de compensado instalaram-se na região sul, consequência da disponibilidade de matéria-prima de qualidade, representada pelo Pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*).

Por muitos anos, o compensado foi o painel de madeira mais produzido no país. A partir de 1970, a redução da madeira de pinheiro no sul, deslocou a indústria para a região norte do Brasil, tendo a floresta nativa tropical como fonte de suprimento. Até por volta de 1997, a produção de compensado tropical predominou. Entretanto, a região sul retomou seu destaque com o uso da madeira de pinus, a qual em meados dos anos 2000, já participava com dois terços da produção nacional.

A indústria do compensado evoluiu tecnologicamente com desenvolvimento de diversos produtos, em particular para atender usos especializados como a moldagem de concreto. No entanto, um dos principais problemas enfrentados por boa parte dos produtores de compensados para forma de concreto, deveu-se às crises de gestão do próprio negócio. Várias empresas pioneiras e de maior porte, sucumbiram por problemas societários familiares, levando-as a processos de descapitalização pela distribuição desequilibrada de dividendos, salários elevados de membros acionistas, entre outros. Estes aspectos limitaram investimentos na atualização tecnológica, com consequente perda de competitividade, aumento do endividamento e em alguns casos até a própria insolvência.



Outro obstáculo teve início entre 1997 e 2002, levando à redução do consumo de compensado na indústria moveleira, que passou a usar MDF e aglomerado, o que de certa forma já era esperado, pois muitas das aplicações não demandavam produtos estruturais, como o compensado. A queda do consumo interno foi minimizada com o aumento das exportações. A partir de 1999, as exportações brasileiras de compensados cresceram, quando em 2005, mais de 70% da produção nacional esteve orientada ao mercado internacional (~2,0 milhões m³). Nesse período, o Real apresentou forte desvalorização frente ao Dólar, aumentando a competitividade do produto nacional, mas em 2006, o cenário cambial alterou, acarretando mais uma grave crise setorial na indústria de compensados. Naquele ano, a produção e exportação apresentaram quedas, coincidindo com a valorização da moeda nacional, o que de forma inversa reduziu a competitividade do produto brasileiro no exterior. Volumes exportados, superiores àqueles verificados em 2005, foram alcançados, apenas recentemente (2017 e 2018), evidenciando, ao longo do período, retração industrial e comercial do produto.

Outro período recessivo para a indústria de compensados nacional foi durante a crise financeira mundial de 2008. Os Estados Unidos, que historicamente são o principal destino das exportações brasileiras de compensado de pinus, sofreu forte impacto econômico, tendo a sua indústria da construção civil, principal demandante de compensado, reduzido de forma significativa a sua participação na economia e, conseqüentemente, reduzindo as importações do produto brasileiro.

Segundo especialistas da STCP, a perda de competitividade do compensado brasileiro no exterior foi influenciada, além do já discutido, por outros fatores, a exemplo de lobby de importadores para redução de preços, exigência de padrões de qualidade e de procedência da matéria-prima.

Tais aspectos, somados ao ambiente de crise político-econômica no Brasil nos anos 2014 e 2018, ampliaram os problemas enfrentados pela indústria nacional. Os efeitos observados traduziram-se em redução nos resultados financeiros das empresas, aumento na ociosidade, demissões e até na paralisação completa e encerramento das atividades de diversas unidades industriais.

Além do contexto acima, outros aspectos trazem atualmente impacto aos produtores nacionais de compensado e aos resultados do setor. Entre eles destacam-se a queda da demanda e de preços internacionais oscilações cambiais, e as barreiras tarifárias. Como exemplo, a União Europeia (UE) mantém cota anual de importação de compensado brasileiro de conífera com livre tarifação, elevando para 7% após ser atingida (13/Mai/2020 com ~ 150 mil m³/mês). O setor acompanha ainda possíveis impactos da saída voluntária do Reino Unido da União Europeia (Brexit), evento oficializado em Jan/2020 e que pode trazer reflexo na redução da cota de importação europeia, com estimativas para 483 mil m³ (ABIMCI, 2019). Por outro lado, o setor considera possíveis impactos positivos do estreitamento das relações comerciais entre o Mercosul e a Europa, o que poderá isentar exportações brasileiras de taxas.

Análises evidenciam a tendência de aumento expressivo das exportações do compensado brasileiro na última década, conforme indicam os consultores Jefferson Garcia e Marisa Diniz da STCP, as quais duplicaram entre 2009 (1,0 MM m³) e 2019 (2,1 MM m³). No entanto, no momento atual, outra crise em curso tem potencial de gerar forte impacto aos produtores de compensado. A atual crise de saúde pública global, causada pelo Covid-19, impõe pressão adicional ao segmento. No mercado nacional, o consumo de compensado pela indústria da construção civil reduziu nos últimos meses devido à queda acentuada da atividade econômica deste setor. Embora as exportações do produto nos 4 primeiros meses do ano mantiveram-se próximas ao realizado em igual período de 2019, para atender pedidos anteriores em carteira, o impacto deverá ocorrer nos próximos meses. Os riscos econômicos (desemprego, cortes de salários e um mercado de ações em queda) que permeiam a pandemia resultam em perspectivas de forte queda nos níveis da indústria da construção civil nos Estados Unidos. Segundo o Departamento de Comércio dos EUA, o número de novas moradias caiu 30,2% em Abril/20 (em relação a Abril/19), para uma taxa anual de 891.000 unidades, menor índice desde 2015.

A previsão é que a partir de Jun/2020 o cenário torne-se um pouco mais promissor. O lockdown imposto nos principais países consumidores do compensado nacional, mostra forte sinal de flexibilização, o que poderá trazer impacto positivo ao setor nos próximos meses.

Os aspectos tratados geraram no passado, e têm gerado impactos nos indicadores de produção e de exportação da indústria de compensados nacional. As pressões negativas sobre o setor exigirão rapidez por parte dos players produtores e exportadores, na busca por alternativas de mercado e de ganhos de competitividade. Tais aspectos somente serão possibilitados através de investimentos em tecnologia, posicionamento de mercado, escala, atuação em nichos, entre outros aspectos. Para tanto, torna-se imprescindível que as empresas tenham gestões e lideranças de profissionais conhecedores e atentos às dinâmicas do mercado, além de buscarem, no curto período por inovações tecnológicas, e fundamentalmente de reinvenções na qualificação de seus colaboradores.

Inteligência de Mercado STCP
info@stcp.com.br



STCP Engenharia de Projetos Ltda
www.stcp.com.br

